

24/07/2025 10:00:24 - AE NEWS

ARTIGO/MARCELO KFOURY MUINHOS: TRUMP VERSUS BRASIL



No último dia 9 de julho, houve a surpresa do aumento das tarifas para o Brasil para 50%, na qual o presidente Trump justificou como sendo uma punição pelo processo contra o ex-presidente Bolsonaro, que o americano considerou injusto (caça às bruxas) e também pela decisão do Supremo Tribunal sobre a regulamentação das redes sociais. Esse artigo traz algumas considerações sobre os impactos econômicos e políticos da decisão do executivo americano.

É difícil uma negociação, pois o presidente Lula não tem nenhuma margem para revogar esses processos, que correm no Judiciário contra o ex-presidente Bolsonaro. Para tornar ainda mais complexo o ambiente, no dia 18 de julho, a Suprema Corte adotou mais medidas contra o ex-presidente, que não pode entrar em embaixadas, ou sair de Brasília. Ele está também usando tornozeleira eletrônica e proibido de se comunicar com o filho que está em Nova Iorque. Todos os indícios são da condenação iminente do ex-presidente por tentativa de golpe de Estado.

O ambiente está cada vez menos propício para se chegar a um acordo para se revogar o aumento das tarifas e há até maior chance de a crise escalar. Segundo a Consultoria Eurasia, a probabilidade de chegar a um acordo é de apenas 15% e de se escalar o conflito com maiores tarifas ou outras sanções sendo de 35%.

Uma possível prisão do ex-presidente Bolsonaro, por descumprimento de ordem judicial, pode também escalar o confronto, que, segundo a Eurasia, pode fazer com que o presidente americano dobre o valor das tarifas para 100% ou mesmo tome outras ações contra membros do executivo como revogação de vistos ou penalizações contra os membros do judiciário. A consultoria acha um evento mais radical, como banimento do SWIFT, altamente improvável.

Por outro lado, há o risco de o Brasil usar a lei recém promulgada de reciprocidade e taxar os mesmos 50% aos produtos americanos ou ainda suspender os direitos de propriedade intelectual de produtos americanos, o que seria considerado até mais provocativo. Esse cenário favoreceria a escalada da crise, tornando inoperante o comércio entre os dois países.

Os impactos devem se concentrar no setor industrial, em especial em aeronaves, telefone celulares, ferramentas e café, mas esses setores têm alguma chance de conseguir negociações produto por produto para baixar as tarifas, principalmente se essas empresas tiverem subsidiárias nos Estados Unidos e prometerem investimentos naquele país, como pode ser o caso da Embraer. Outros setores que podem conseguir algumas concessões são minerais estratégicos e petróleo por razões do interesse americano e outros produtos como café e suco de laranja que podem impactar o consumidor americano.

As projeções de crescimento do PIB para esse ano (2,2%) e o próximo (1,9%) ainda não foram afetadas pela crise das tarifas. De certa maneira, podemos prever que o impacto macroeconômico é limitado, pelo fato do Brasil ser um país fechado (exportações são 18% do PIB) e as exportações para os Estados Unidos são apenas 12% do total. Porém, uma redução de US\$ 10 bilhões nas exportações do total de cerca de US\$ 40 bilhões para os Estados Unidos pode reduzir o PIB em cerca de 0,5%.

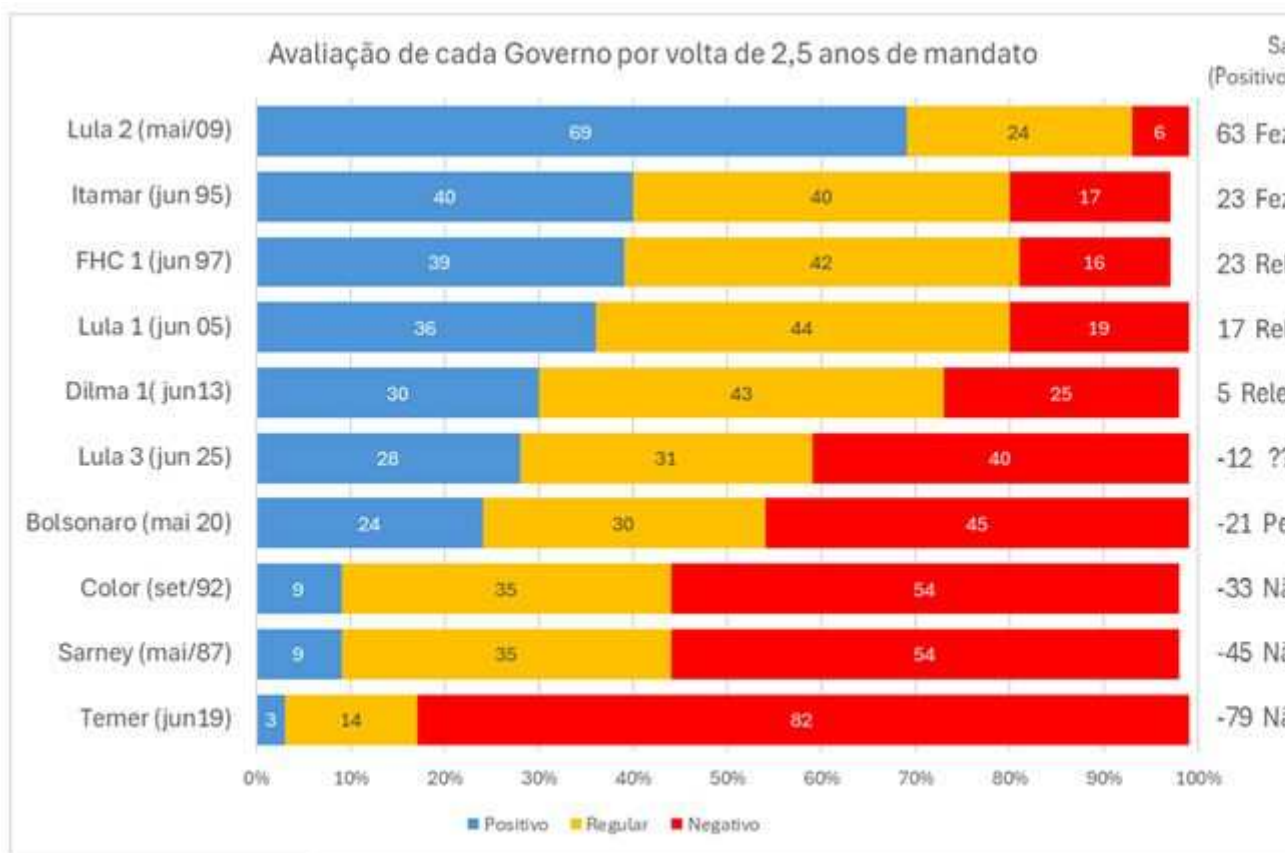
24/Jul/2025 15:19

Houve uma ligeira desvalorização do real desde o anúncio da tarifa no princípio de julho, mas num contexto de enfraquecimento do dólar em nível mundial, que já perdeu cerca de 10% de valor desde janeiro contra as outras moedas fortes do mundo. As projeções de inflação também não foram afetadas e de certo modo, houve até um recuo no consenso de mercado na inflação desse ano (5,24% para 5,1% nas últimas quatro semanas), provavelmente devido à queda da inflação corrente.

Outro fator que dificulta a negociação das tarifas no curto prazo é que todo esse imbróglio pode ser positivo para a aprovação do atual presidente e nocivo para o anterior com vistas às eleições presidenciais de 2026. Já houve alguma melhora na avaliação do presidente Lula, que no agregado das pesquisas estava num patamar de 40% na dimensão binária (aprova & reprova) devendo ir para 43%-44% segundo a Eurasia. Esse efeito na popularidade pode ser temporário e não deve se manter até a eleição no próximo ano.

De qualquer maneira, são conhecidas as vulnerabilidades do atual presidente em termos da sua idade e do processo de fadiga com o mesmo presidente tentando um quarto mandato. Além disso, podem pesar contra Lula os problemas de segurança pública, corrupção e inflação, tornando a eleição de 2026 bastante incerta.

A tabela abaixo mostra as aprovações dos presidentes no Brasil no meio do terceiro ano de mandato, sendo que todos que tinham aprovação melhor do que Lula nesse período foram reeleitos ou apoiaram o futuro presidente, já os que estavam com aprovação menor não disputaram, não elegeram sucessores ou não foram reeleitos. Importante ressaltar que Bolsonaro estava enfrentando, no meio do mandato, o auge da pandemia, o que torna a sua situação um pouco mais difícil de comparar. Além disso, por um lado, há uma tendência mundial de não reeleição dos presidentes nos últimos anos, e por outro, sempre a aprovação dos presidentes sobe no ano da eleição devido ao próprio ciclo político.



24/Jul/2025 15:19

As repercussões macroeconômicas do conflito Brasil & Estados Unidos ainda não foram adequadamente mensuradas e podem ser maiores no caso de o comércio entre os dois países sucumbirem com a aplicação dessa tarifa ou eventualmente valores ainda maiores. Pode haver problemas setoriais, principalmente na indústria, mas com chances de algumas exceções, acomodando algumas áreas estratégicas. Aparentemente o Brasil está disposto a negociar, mas não há margem para mudar decisões do Supremo. A temporária melhora na aprovação do presidente Lula pode ser efêmera, se houver quebra de empresas e problemas de diminuição de empregos por causa da crise.

Concluindo, há ingerência indevida de uma nação estrangeira em questões domésticas o que caracteriza uma ameaça a soberania nacional, sendo difícil um prognóstico positivo para a querela entre o presidente Trump e o governo brasileiro.

Marcelo Kfoury Muinhos é professor da FGV-EESP e consultor econômico. Foi economista-chefe do Citi Brasil e chefe do Departamento de Pesquisa Econômica do Banco Central.

Os artigos publicados na **Broadcast** expressam as opiniões e visões de seus autores.